

**FORMAS ASSOCIATIVAS JUVENIS:
O CASO DOS JOVENS DA ILHA DE SANTA CATARINA**

Olga Celestina Durand (UFSC)

As questões centrais da pesquisa que desenvolvi para tese de doutorado em Educação¹, relacionam-se com a investigação das formas associativas juvenis, que se dão sob a égide da sociabilidade, e a relação que estas tem com as instituições tradicionais de socialização, ou seja, a família, a escola e o trabalho. Falo de uma parcela dos jovens brasileiros, que transitam no espaço urbano, marginais ao processo “dito de desenvolvimento”. São jovens pobres², que vivem – a grande maioria – com suas famílias e são estudantes de escolas públicas noturnas de periferia. Engrossando as estatísticas dos trabalhadores informais de temporada, trabalham no ramo de prestação de serviços, quando não desempregados. Localizo esses jovens na Ilha de Santa Catarina, cidade de Florianópolis, mais especificamente, em duas comunidades praianas, considerando essa população e esses espaços representativos das mudanças socioculturais, que responderiam as inquietações propostas por esta pesquisa.

A opção pelo jovem, como sujeitos de uma sociedade que se encontra em processos diferenciados de transformação social, requer criteriosos estudos sob a dinâmica de suas relações sociais, concretamente inserida em espaço e tempo determinados. No caso dessa pesquisa, me reporto aos jovens que estão vivenciando suas experiências de construção social adjetivados de acordo com o lugar que ocupam na sociedade.

Sobre esse assunto, Melucci (1991b) comenta em seus estudos que em geral, a juventude só aparece como problema pelo diagnóstico de que ela, enquanto categoria que incorpora um grupo etário, é potencialmente conflitiva. Entretanto, a juventude só é conflitiva em determinada estrutura social específica. Os jovens tanto podem ser fator de integração no mercado da cultura de massa, como podem se constituir como atores do conflito social numa mobilização antagonista. O conflito e a possibilidade de transformação que ele instaura só se explicita, portanto, no tempo e no espaço. Ser jovem não é tanto um destino, mas implica a escolha em transformar e dirigir a existência.

¹ Tese de doutoramento defendida na USP- Faculdade de Educação, 2000.

² Consideram-se aqui pobres, conforme define Sarti (1996) aqueles destituídos dos instrumentos que, na sociedade capitalista, conferem poder, riqueza e prestígio.

Sob essa ótica o desafio está em enxergar, entender e qualificar as especificidades desses jovens que buscam a integração social e que procuram, de forma diferenciada, realizar em suas localidades, tênues e até certo ponto fragmentadas e fluidas, ações coletivas de solidariedade, lutando por um ideal, traduzidas em suas práticas socioculturais, ecológicas e até políticas, em suas comunidades.

Foi com essa compreensão que me aproximei dos jovens em seus grupos religiosos, esportivos e musicais de maior visibilidade das comunidades pesquisadas, para procurar entender as lógicas internas do grupo, assim como saber das relações que estes travam com outros segmentos externos a ele, ou seja, - a família, a escola e o trabalho, a fim de que pudesse responder às questões preliminares da investigação, que foram sendo traduzidas com as seguintes formulações:

- A razão da escolha dos jovens por um grupo de sociabilidade, de uma forma geral, tem fortes significados por se tratar, de um lado, de uma das primeiras escolhas que lhes conferem autonomia e responsabilidade como indivíduos; de outro lado, o grupo legitima as ações coletivas dos jovens, que se diferenciam ora como uma ação de resgate de suas identidades, ora como preservadores do patrimônio cultural e ecológico de suas comunidades e, conseqüentemente, da Ilha de Santa Catarina.

- A construção da sociabilidade dos jovens ocorre de diferentes formas e graus, dependendo do peso das instituições tradicionais de socialização, isto é, a família, a escola e o trabalho.

Compreender esses jovens e o movimento de suas diversas formas de socialização, que tem como tônica os grupos de sociabilidade como espaço possível de gestação de novas experiências de pertencimento e reconhecimento social, como chave para a construção de suas identidades, tanto pessoais como coletivas, eis o grande desafio.³

1. JUVENTUDE COMO CATEGORIA SOCIAL

Tentar conceituar juventude trata-se, sem dúvida, de uma tarefa difícil que requer elementos relacionais, que nos aproximem dos contextos determinados pelos próprios jovens e, a partir daí, perante sua realidade, é que podemos tecer parâmetros conceituais. Isto porque a noção de juventude está enraizada num determinado momento

³ Gloria Diógenes (1998) contribui com essa discussão dizendo sobre os jovens: “o movimento é sua marca e a inovação, o seu signo”. Com a expansão do industrialismo, em que o consumismo e a cultura de massa tornam-se a tônica da nova era, a juventude se expressa como agente catalisador e propagador de um estilo moderno e cosmopolita. Nesse sentido, a juventude é recortada por referentes simbólicos condensadores de uma marca estilizada do “ser moderno”.

histórico-sociocultural, ou seja, ela se localiza em determinado espaço e tempo. Considerar que a juventude constitui-se como uma categoria sociocultural, nos dias de hoje, é dizer que ela vem sendo tecida em tramas de constantes mudanças. Segundo Levi & Schmitt (1996, p.8), a juventude como produção social e cultural, mais do que qualquer outra categoria tem a característica de “ser irredutível a uma definição concreta e estável”.

Se considerarmos as fases da vida humana, é na juventude que, potencialmente, os indivíduos começam a se olhar “nos espelhos da vida” e a perguntar, primeiramente para si mesmos “quem sou eu?”. As repostas a essas questões que simbolicamente estão constituídas de peso psicológico e social, só ocorrem quando o jovem “socializa” suas dúvidas, num processo de identificação⁴ de “se mostrar ao outro” e por ele ser reconhecido num jogo relacional que tem sentido e significado, no plano tanto individual como social.

Nesse sentido, torna-se fundamental para a compreensão e para a constituição da identidade de indivíduos autônomos, neste final de século, que se perceba a complexidade dos fenômenos que a constitui, embasados no caráter de novas dinâmicas sociais. Melucci (1991a) lembra ainda que nessa sociedade complexa em que vivemos, há pelo menos três fenômenos constituem a identidade social: diferenciação, variabilidade e excedente de possibilidades. Para ele, a diferenciação comporta experiências próprias, como a linguagem, as regras e os valores que nos fazem agir diferentemente, dependendo do meio em que estivermos inseridos. A variabilidade está intimamente ligada à velocidade com que ocorrem as transformações sociais. Esses fenômenos sociais ampliam o leque das possibilidades simbólicas e imaginárias que não só nos levam a dificuldades de escolhas, mas inibem, ao mesmo tempo, nossa capacidade de ação.

O jovem é chamado a escolher, a decidir continuamente, fazendo com que as incertezas tornem parte da ação: diante das múltiplas possibilidades, o que fazer? O imperativo da incerteza impõe a necessidade de escolha. É o que Melucci define como o paradoxo da escolha, pelo qual ocorre, de um lado, a ampliação do espaço da autonomia individual que se expressa na escolha e, de outro lado, a impossibilidade de não

⁴ Melucci (1991a, p.38) diz que a identidade é vivenciada como uma ação e não tanto como uma situação, em que é o indivíduo que constrói a sua consciência e o seu reconhecimento, no interior dos limites postos pelo ambiente e pelas relações sociais. Propõe assim uma mudança de conceito: “a mesma palavra identidade não é mais apropriada para exprimir essa mudança e será necessário falar *identificação* para exprimir o caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmos”.

escolher. O processo de identificação se dá num mundo de complexidade, de possibilidades de escolha. O “eu” é relacional e móvel, redefinindo-se continuamente e requerendo respostas a uma acelerada dinâmica social que exige, por um lado, a definição da razão e, por outro, a emoção, para interação com outros códigos e relações produtoras das identidades sociais.⁵

No entanto, acredito que, quando se trata da escolha que os jovens fazem pelos seus grupos de sociabilidade, sucede o que estou chamando de *escolhas positivas*, ou seja, são opções que estes fazem por um determinado grupo que lhes tenha significado, de forma autônoma, livre e responsável. As instituições tradicionais de socialização, perante tais decisões, têm seu poder de coerção minimizado. Segundo Perrenoud (2000, p.122), a escolha por um grupo de sociabilidade é feita em razão do peso da necessidade de pertença e ancoragem identitária; pela socialização e experiência da vida em grupo; pela importância das interações na construção de novos projetos e concretização de sonhos.

Berger & Luckmann (1985) afirmam que a socialização é o processo de construção social do homem, embora sob a perspectiva do indivíduo seja uma vivência única singular, onde quer que ela se realize – na família, na escola, no trabalho, na igreja ou em outras instituições. A socialização, segundo esses autores, significa movimento e dinamicidade, ou seja: “a socialização humana nunca é completamente conseguida e nunca é totalmente acabada” (Berger e Luckmann, 1985, p. 184). Esse processo é subdividido teórica e conceitualmente em dois momentos a saber: socialização primária e socialização secundária. A primeira consiste na transformação do homem (que ao nascer é apenas um organismo biológico) em ser social típico: de um gênero, de uma classe, de um bairro, de uma região, de um país. A segunda deriva da divisão do trabalho e, portanto, da necessária e inevitável distribuição social do conhecimento, que consiste em todo o processo subsequente de inserção do homem, já socializado, em novos setores institucionais.

Em se tratando de juventude, é possível afirmar que o processo de socialização é composto de novas relações e interações sociais neste final de século. As constantes

⁵ Morcelini (1996) apud Dayrell (1999, p. 93), “(...) se antes o conteúdo da socialização era fixado ‘do alto’, hoje ele aparece de uma forma selecionável, relativa e até mesmo opcional. Constitui-se um cenário de uma ‘socialização flexível’ (*socializzazione a maglie larghe – metáfora italiana sem tradução*), na qual as dinâmicas culturais e o quadro de valores de referência aparecem segmentados, não sendo diretamente assimiláveis nem na esfera institucional nem na esfera do cotidiano: o que representa como critérios definidores das escolhas do consumo de socialização é aquilo que tem valor aos olhos do sujeito, mais do que o respeito a conteúdos socialmente legitimados e sancionados” .

mutações e a movimentação própria das transformações sociais no espaço em que essa juventude vive e convive traduzem instabilidade e rupturas de processos. A sociedade presencia processos novos de construção de indivíduos que vão ao encontro das novas relações e aprendizados, constituindo múltiplas redes relacionais que, ao mesmo tempo que lhes possibilitam uma gama de opções, os limitam à escolha de papéis e códigos sociais. Esse instigante jogo pode liberar a criatividade, permitindo o afloramento das múltiplas identidades desses indivíduos, que se apresentam sob novas formas socialização, ou seja, a sociabilidade traduzida na vivência dos jovens em seus grupos, nos quais constroem suas experiências cotidianas, que giram em torno do lazer, isto é, de atividades que absorvem as horas livres e ocupam diversos espaços, como campo potencial de liberdade. Simmel (1967), em seu estudo sobre sociabilidade como categoria sociológica, diz que essa é uma forma autônoma ou lúdica de socialização:

“É um jogo no qual se “faz de conta ”que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se “faz de conta ”que cada um é reverenciado em particular; e “fazer de conta” não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade. O jogo se transforma em mentira quando a ação e a conversa sociável se tornam meros instrumentos das intenções e dos eventos da realidade prática” (Simmel, 1967, p.168)⁶.

Simmel (1983) fala do lúdico, em primeiro lugar, porque não comporta propósito ou interesses objetivos a serem atingidos, nem assuntos determinados com antecedência. A sociabilidade não busca resultados exteriores concretos e seu alvo imediato é o sucesso da interação, o fascinante jogo de relações que se cria entre os participantes. Por outro lado, o caráter lúdico da sociabilidade advém, também, do fato de ser uma metáfora da vida, um “jogo social”: a sociabilidade joga com as formas da sociedade. É nesse sentido que a sociabilidade proporciona um sentimento de alívio e

⁶ Para Simmel (op.cit), o fenômeno a que chama de sociabilidade é o processo que funciona também na separação do que chama de conteúdo e forma da vida societária. Assim explica: “A sociedade propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através dos veículos dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços.” (1983, p.168). Simmel (1977), na obra *Filosofia do Dinheiro*, afirma que para pensarmos as formas de sociabilidade é necessário analisar a repercussão do dinheiro na vida, isto é, no estilo de vida. O cenário para Simmel é a cidade, grande e moderna. Tal estilização de vida também diz respeito à multiplicidade e variedade de papéis sociais que o indivíduo desempenha nos diferentes círculos, momentos e situações. O moderno estilo de vida está relacionado a uma grande variedade de formas de socialização, modos como a sociedade realiza, a cada instante, a síntese peculiar que a configura como sociedade.

liberação em relação às pressões cotidianas da vida: as forças carregadas de “conteúdo” da realidade estarão presentes, porém, de uma forma diluída e sublimadas no jogo simbólico que se estabelecerá entre os participantes, configurando uma miniatura do ideal societário.

A capacidade de fazer escolhas alternativas é um princípio fundamental do ser humano. No lazer, a questão da liberdade de escolha pode se evidenciar mesmo se levarmos em conta as desigualdades sociais. Toda escolha ocorre em determinado jogo de relacionamentos e possibilidades concretas. No tecido complexo da vida social das cidades, a capacidade de ter iniciativas e decidir torna-se chave como elemento constitutivo da consciência e poder de autonomia no relacionamento do grupo e redes sociais. Na sociabilidade dos momentos de lazer, os jovens são permanentemente levados a fazer escolhas que se ajustem a determinadas práticas sociais que negociam sentidos em processos autônomos e heterônimos.⁷ Pelo lazer possibilita constituir um momento de autonomia que dificilmente se encontra em outros contextos da vida social, tais como os escolares, os familiares e os do trabalho profissional.

Nesse sentido, entendo que parte da socialização dos jovens vem ocorrendo em espaços e tempos variados, com múltiplas e diferenciadas referências culturais, constituindo um conjunto complexo de redes de significados que são articulados em seus grupos de sociabilidade, num jogo entremeado de interações e relações sociais, cuja especificidade e complexidade chamam a atenção e sugerem novos estudos com formulações teóricas diferenciadas que dependem da ótica de entendimento cultural e social sobre as juventudes contemporâneas.

2. OS GRUPOS JUVENIS

Os grupos estudados estão constituídos por homens e mulheres pobres da periferia praiana, nativos ou não, brancos e negros, com uma diversidade étnica e sociocultural que instiga de antemão estudos mais aprofundados e sugere categorias de análise do seu processo de socialização. Os jovens que se apresentam disponíveis e

⁷ Para Carrano (1999, p.42), “A elaboração das escolhas no lazer não se dá, portanto, como resultado de uma decisão soberana de um indivíduo isolado. A gênese da opção e da liberdade nunca poderia ser compreendida se não levássemos em conta os constrangimentos que são criados na totalidade da vida social. É nesse sentido que a liberdade do lazer está profundamente associada com a consciência que o sujeito tem das reais necessidades do seu processo de realização”.

desafiados a tais vivências buscam novas experiências sociais. São jovens que transitam entre a integração e a marginalização, pois se, por um lado, a literatura e a mídia mostram o ilhéu reconhecido e invejado pela situação privilegiada de habitar em praias litorâneas, por outro lado, dependendo da situação social, este ilhéu é marginalizado por sua forma de viver e desprestigiado por sua cultura. Esses processos de isolamento/integração e valorização/marginalização, nas relações sociais, desenvolvem-se visivelmente e marcam a diferença, especialmente quando se trata da educação, mais especificamente das escolas pública e privada, do trabalho e suas oportunidades. Na temporada, nem sempre os empregadores aplicam as leis trabalhistas que protegem o trabalhador no que se refere à jornada de trabalho e carteiras assinadas, atitudes estas que desprestigiam e desvalorizam o jovem.

Sob essa ótica, trabalhei com 23 jovens, sujeitos centrais da pesquisa, que possuem a idade média de 18 anos; sendo que a maioria, é nativo, ou seja, em se tratando do *Ribeirão da Ilha*,⁸ todos nasceram na comunidade; no caso dos *Ingleses*,⁹ grande parte é proveniente do Rio Grande do Sul e de São Paulo. O nível de escolaridade é, em sua maioria, o ensino fundamental, sendo que alguns possuem o ensino médio, e outros ainda, cursam o ensino superior.

A renda média dos jovens que são assalariados é de dois salários mínimos e meio, condição esta que os coloca acima da média salarial dos trabalhadores brasileiros com essa faixa etária. Esses índices podem indicar alguma distorção pelo fato de alguns jovens perceberem maiores salários somente por três meses, na temporada de verão, não possuindo vínculo empregatício e não estando, portanto, enquadrados nas leis trabalhistas.

Os jovens pesquisados constituem suas formas associativas de acordo com as escolhas que lhes são significativas, ou seja, alguns inclinam-se para os grupos religiosos, outros para os esportivos e outros, ainda, para os musicais. No caso dos grupos religiosos, foram selecionados dois da Pastoral da Juventude: os grupos *Eucalipto* e *Missionários de Cristo* das comunidades do *Ribeirão da Ilha* e *Ingleses*, respectivamente. O primeiro grupo é formado por 23 componentes¹⁰, situados na faixa etária entre 14 e 27 anos. Originários da catequese, são em sua grande maioria nativos. O grupo *Eucalipto*, estruturado já há oito anos, objetiva o crescimento pessoal e a

⁸ Comunidade do extremo sul da Ilha.

⁹ Comunidade do extremo Norte da Ilha.

¹⁰ Número nem sempre fixo, dependendo muito das atividades realizadas.

participação no desenvolvimento da comunidade, dando ênfase ao desenvolvimento da sua espiritualidade, por meio da sua expressão teatral e musical.

O segundo grupo - *Missionários de Cristo* - constituído aproximadamente por 25 jovens, também na faixa etária dos 14 aos 27 anos, foi formado há dez anos. Durante esse período, houve um recesso em suas atividades, estando hoje, porém, na ativa. Dentre seus componentes, 13 são nativos (da própria comunidade) e os demais advindos de outras localidades, cidades ou estados. Em sua maioria, estudam, trabalham no comércio ou somente durante a temporada. O grupo tem como objetivo dar continuidade à evangelização dos jovens após a eucaristia e a crisma, bem como procurar servir as famílias carentes da comunidade. A oração e a fé são enfatizadas no desenvolvimento da espiritualidade.

No segmento esportivo, na comunidade do *Ribeirão da Ilha* há o time de futebol *Canto do Rio*, composto por 35 jovens (sexo masculino e feminino). É constituído internamente por diversos pequenos times, de acordo com a categoria que é dada pela idade, que está na faixa dos 14 aos 30 anos. A tradição desse time de futebol passa de pai para filho, pois o time do Canto do Rio já existe há várias décadas na comunidade.

Outro grupo de jovens que estou considerando como desportivo é o grupo de *Capoeira Oxóssis* da praia dos *Inglezes*. Atuante desde 1994, tem como objetivo a formação dos jovens nos princípios capoeiristas e a transmissão desses conhecimentos aos novos adeptos. A filosofia está em seguir os rituais dos mestres da Bahia, os quais estão embasados na coragem, humildade e solidariedade. O grupo Oxóssis possui aproximadamente 20 participantes entre crianças e adultos, atingindo uma faixa etária que se situa entre 8 e 40 anos. O ritual da roda de capoeira ocorre três vezes por semana, sendo que uma vez por semana está aberto ao público.

E, ainda dentro desse segmento esportivo, encontra-se a *Galera do Surfe*. Trata-se de um grupo de cinco jovens, na faixa etária situada entre 16 e 22 anos, que se reúne quase que diariamente ao nascer do sol para praticar seu esporte e treinar o maior tempo possível, mesmo que não seja para competições. Nos finais de semana e feriados praticam com mais frequência o surfe, mas o ideal é que o “mar seja exclusivo” sem turista e sem zona de proibição para a pesca. O vento é que traz as ondas, é dele que a prática do surfe depende e a “virada” deste significa uma possível troca de “point” à procura de ondas mais arrojadas, que permitam manobras mais radicais e uma performance técnica mais aprimorada.

Também há jovens que se reúnem em torno da música, no *Ribeirão da Ilha*. Por exemplo, há o grupo *Musical* que atua na “nigth” e em eventos populares e festivos não só da localidade como de comunidades vizinhas. São cinco jovens que possuem idade entre 17 e 27 anos. Este grupo é bem atípico, pois, em se tratando de música, pode até fazer parte de festivais de música sacras ou de grandes noitadas de pagode. Tocam instrumentos de corda, tambores e flautas. Têm muita expressividade na comunidade por se tratar de animadores de festas que tanto podem tocar em caráter beneficente ou ganhando determinado “cachê”, como animadores de casas noturnas.

Assim é que, após a definição dos perfis dos jovens, a observação dos grupos, as entrevistas e o acompanhamento de suas atividades no seu cotidiano, algumas considerações foram sendo tecidas, das quais destaco:

O contexto social no qual os jovens vivem contribui, de diferentes formas, para que os jovens busquem os seus pares e, assim, coletivamente possam exercer sua autonomia, de uma forma livre, responsável e independente. Nesse sentido verificamos que os jovens dos grupos religiosos procuram o grupo por: a) os jovens do grupo religioso do *RI*, estão no grupo e nele permanecem projetando suas aspirações para além de suas satisfações pessoais e reforço de suas individualidades, com o objetivo de dar continuidade à preservação do patrimônio religioso e cultural da comunidade. b) Os jovens dos *Ingleses* procuram o grupo para estar junto aos seus pares, e encontrar a paz interior num refúgio de proteção do “mundo fragmentado lá de fora”. As atividades que os jovens dos grupos religiosos promovem em suas comunidades são semelhantes. No entanto, no *RI*, prevalece o caráter cultural que esses atribuem aos eventos religiosos, haja vista o teatro, a música e a dança, como forma de promover e tornar mais visível, perante o governo, os turistas e a sociedade, a herança cultural e as tradições da localidade. Nos *Ingleses*, no entanto, se sobressaem as atividades relacionadas ao crescimento pessoal por meio da espiritualidade, do fortalecimento da fé e da evangelização. É nítida a ambigüidade em que vivem esses jovens, pois ao mesmo tempo que promovem campanhas de auxílio às pessoas mais necessitadas da comunidade, procuram conhecer-se espiritualmente, para desenvolver seus poderes *místicos de cura*, auxiliando pessoas carentes de apoio moral, espiritual e religioso.

Entretanto, essas aproximações e diferenças estão inseridas em características que são comuns a todos os jovens, e lhes têm forte significado, sobressaindo, em todas as formas de sua experiência: a alegria, a ludicidade, e o modo prazeroso como esses procuram viver sua sociabilidade.

Em se tratando dos jovens dos grupos esportivos e musicais esses buscam o grupo por diferentes motivos e significados que este possa representar: a) alguns jovens procuram os grupo como forma de realização pessoal, juntos a seus pares. O grupo significa a escolha autônoma e que está longe da tutela da família e da escola; b) Outros vêm no grupo o lugar da realização mística e do exercício de uma filosofia de vida. Essa relação pode se manifestar pela forma de tratar o “belo”(o caso dos músicos), pela evocação do religioso (candomblé e a umbanda) como é o caso dos capoeiristas; e do sobrenatural (a energia que emana do universo, sol mar e ventos) como é caso dos surfistas; c) outros, ainda, vêm a importância do grupo na prática dedicada a seu esporte e a sua música, uma vez que a consideram uma forma da profissionalização

Podemos, ainda, estabelecer aproximações e diferenças na relação que os jovens têm com suas comunidades e vice-versa. Quanto aos grupos do *Ribeirão da Ilha*, há aceitação por parte da comunidade, mas há também reservas. Vejamos: o time de futebol *Canto do Rio* é aceito e recebe colaboração para o seu êxito. A comunidade legitima seus jovens como seus representantes em eventos e campeonatos fora da comunidade.

No entanto, no que se refere aos jovens do grupo musical, a relação é ambígua, ou seja, enquanto os jovens estiverem tocando em eventos religiosos dentro da comunidade, esses são aceitos e elogiados. É visível o orgulho dos pais dos jovens ao verem seus filhos conduzindo musicalmente as liturgias e a festas religiosas. No entanto, não agrada aos pais e à comunidade as apresentações desses jovens fora da comunidade, em casas noturnas, com mudanças de repertório, passando para o *rock*, samba e pagode, que vêm à tona como forma de expressão corporal, e como o afloramento do romantismo e da sensualidade desses jovens.

Em se tratando da comunidade dos *Ingleses*, o sentimento que esta deixa aflorar em relação aos surfistas e os capoeiristas também é controvertido., Quanto aos primeiros, por um lado a comunidade vê esses jovens como esportistas que não trabalham e vivem na “vida boa”. Por outro lado, essa os reconhece como *guardiões do mar* em relação aos perigos que esse possa trazer. Já no grupo de Capoeira de Oxóssis, a discriminação passa pelo sentido religioso, uma vez que a prática desse esporte tem sua filosofia voltada para as seitas afro-brasileiras, melhor dizendo, camboblé e umbanda.

No entanto, apesar dessas controvérsias e reconhecimentos sociais, o que ocorre é que todos os jovens dos grupos esportivos e musicais reconhecem nesses grupos o lugar do lazer, do usufruir o tempo livre, do brincar, da amizade e da solidariedade.

A análise das práticas associativas dos grupos religiosos, esportivos e musicais nas comunidades de *Ribeirão da Ilha* e *Inglese* evidenciam que as diferentes ações dos grupos sugerem diferentes sentimentos que ecoam de forma diversificada perante a família e a comunidade.

Retomando o que já foi exposto, é possível afirmar que os jovens do grupo *Eucalipto* e do time de futebol *Canto do Rio* se comportam preponderantemente como herdeiros e revitalizadores das tradições e da cultura de sua comunidade. Compondo uma das facetas desses grupos esse fato se expressa, no grupo religioso, por meio das práticas de sua religiosidade, em atividades como o teatro, coro da igreja, festas religiosas e comunitárias. Por sua vez, os jovens do futebol cultivam a tradição desse esporte divulgando a comunidade ao participar de campeonatos de futebol amador, que ocorrem na cidade de Florianópolis e cidades vizinhas. Já ao nos referirmos ao grupo musical do *Ribeirão da Ilha*, essa característica de continuadores da cultura e da tradição da comunidade possui um caráter ambíguo, pois quando o grupo participa das celebrações da comunidade, esse é bem-vindo e reconhecido nesse papel. No entanto, se o grupo musical é solicitado para tocar fora da comunidade em recepção ou casas noturnas, o sentimento expresso é o do medo, perante a possibilidade de mudança de comportamento, ao contato com novas práticas modernas, como alcoolismo, drogas e outras, uma vez que fora da comunidade esses jovens ficam mais expostos.

Entretanto, apesar dessas controvérsias e reconhecimentos sociais e, respeitando as devidas aproximações e diferenças, existem características, que são comuns a todos os jovens tanto do grupos religiosos como esportivos e musicais, que lhes têm forte significado, ou seja, eles reconhecem nesses grupos o lugar do lazer, do usufruir do tempo livre, do brincar, da amizade e da solidariedade sobressaindo, em todas as formas de suas experiências: o modo prazeroso como esses procuram viver sua sociabilidade.

3. AS RELAÇÕES DOS GRUPOS JUVENIS COM A FAMÍLIA, A ESCOLAS E O TRABALHO.

É possível afirmar, empiricamente, sem qualquer pretensão de rigor estatístico, que os grupos estudados estão constituídos por jovens que possuem diferentes formas de interação com seus familiares. No caso dos grupos de *Ribeirão da Ilha*, de uma

forma geral, o peso da família é grande e pressupõe uma relação de respeito mútuo. A família vê no jovem o reprodutor dos valores, das tradições e da cultura familiar. Os jovens pelo seu lado, embora reconhecendo e aceitando essas condições, são sutis portadores do *novo*, do *moderno*¹¹ e com isso introduzem gradativamente as inovações sociais em seus núcleos familiares. Em *Ingleses*, as relações dos jovens com seus familiares são, via de regra, marcadas pelo distanciamento. Em comparação com os do *Ribeirão*, embora os jovens do Norte da Ilha tenham respeito pelo seus familiares, a aceitação dos padrões familiares tradicionais e conservadores sofre restrições. Não concordando com esses padrões, muitos jovens preferem ir buscar fora de suas casas o que existe de mais moderno e atual trazido pelos *de fora*, os turistas, que chegam à comunidade.

A escola, para os jovens entrevistados, tem um caráter diferenciado, pois, para aqueles, que chamo de bem-sucedidos, ela tem cumprido com o seu papel, como instituição de socialização e divulgação dos conhecimentos elaborados pela humanidade. Sobre essa perspectiva, alguns manifestam-se dizendo que a escola, com seus ensinamentos proporcionados pelo desempenho dos bons professores, constitui o passaporte para o bem viver na sociedade, pois, sem um determinado nível de escolaridade, torna-se mais complexo conseguir trabalhos e empregos fixos. É por meio da escola, o lugar da produção de saberes, que, se souberem aproveitar, os jovens terão melhores chances de competição no mercado de trabalho e, portanto, serão mais respeitados no meio em que vivem.

No entanto, para aqueles que tiveram ou tem, uma escolarização truncada e enfrentam outra realidade, a qual traduzem como frustração perante o *prometido* pela sociedade e o não-alcançado pela instituição escolar. Nesse sentido esses os jovens denunciam dizendo que a escola não os têm ajudado nem sob o aspecto formativo - nela há deficiência de profissionais para debates e reflexões sobre a problemática juvenil- nem sob o aspecto profissional- a maioria dos cursos médios não apontam possibilidades futuras de trabalho e ocupação profissional. Para esses jovens a escola pública num sentido mais amplo, deveria ser mais profissionalizante, com investimento por parte do governo, com mais infra-estrutura tornando se não só mais competitiva em relação às possibilidades do mercado, mas também sob o aspecto da formação para a cidadania. Num sentido mais restrito, frustração dos jovens em relação à escola, diz

¹¹Falo de questões sociais polêmicas (como a droga, a sexualidade da juventude, as relações humanas), das músicas agitadas, o vocabulário moderno, os meios de comunicação (vídeos, gravações, CDs) enfim, das formas de pensar, agir e sentir dos jovens que, inevitavelmente, circulam nos meios familiares.

respeito a um certo distanciamento entre eles e seus professores, em razão das condições objetivas que ambas as partes enfrentam. Isso porque de um lado, encontra-se o professor que tenta cumprir o mínimo necessário de seus compromissos acadêmicos, restringindo-se a ministrar suas aulas. De outro lado, encontra-se o aluno que comparece às aulas minimamente para obter a frequência necessária exigida pela legislação. Esses desencontros criam relações truncadas que não permitem vínculos nem profissionais, (leia-se, aqui, ensino x aprendizagem) e nem afetivos.

No que se refere ao trabalho constatei diferentes formas de pensamento e variadas expressões e sentimentos dos jovens sobre a ocupação profissional em suas vidas. Culturalmente, a sociedade contemporânea tem conferido a essa questão tal importância, que chega ao extremo de não considerar cidadão um indivíduo adulto sem trabalho. Todavia, tal importância parece não produzir muito eco entre a maioria dos jovens. Ou, pelo menos, as diferentes maneiras de encarar as relações com o trabalho, as futuras profissões ou o possível desemprego, por parte desses jovens, parecem relativizá-la. Em seus depoimentos, encontrei pensamentos que traduzem o trabalho como um bem social, uma necessidade para o ser humano sobreviver, uma forma de encontrar a independência financeira, ou, ainda, a autonomia pessoal, sem que no entanto, deixe de ser uma forma de lazer. Em outras palavras, embora o trabalho seja uma condição importante como integração social, não é tudo quando se põe em jogo a própria realização pessoal e profissional.

Dessa maneira encontrei diferentes formas de como eles lidam com a questão do trabalho: a) Para alguns, o trabalho tem significado tradicional, isto é, o trabalho é fator de estabilidade, com um salário que lhes proporcione condições de vida satisfatória e carteira registrada de acordo com as leis trabalhistas; b) Outros transitam pelo trabalho informal, fragmentado e temporário, atribuindo a essa situação no mínimo dois significados: por um lado, o trabalho como *bico*, significa mais autonomia, pois se ganha na temporada e se é mais livre durante o ano. Nesse sentido, a ocupação atual não oferece perspectiva de futuro em suas vidas. Por outro lado, esses mesmos jovens atribuem um sentido de *acomodação esperançosa*, pois, segundo eles, não estão satisfeitos com a sua forma de trabalhar, mas pensam que *um dia ela vai melhorar*; c) Para um terceiro agrupamento de jovens, o trabalho está relacionado com o que eles fazem no grupo. O grupo é fonte de significados a serem atribuídos ao mundo do trabalho. Eles pensam em fazer um novo trabalho, que associe a profissionalização ao

lazer e ao prazer de trabalhar. São aqueles que querem se profissionalizar por meio do esporte e da música.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ilha de Santa Catarina, nas última décadas, vem sofrendo diferentes impactos sociais de uma verdadeira transformação urbana. Os jovens, em suas comunidades, Ribeirão da Ilha e Ingleses, são atores que vivenciam no seu cotidiano essas mudanças, que afetam não só a eles, mas suas famílias, a escola que freqüentam e o trabalho que fazem, ou seja, a comunidade como um todo.

Na verdade, essa dinâmica acelerada de mudança desaloja e desestrutura todo um contexto sociocultural, econômico e político. No decorrer da pesquisa fui sendo instigada a pensar e refletir sobre as conseqüências que esse processo traz aos jovens, nas suas formas associativas, bem como a sua influência no seu modo de pensar, agir e sentir, tanto individual como coletivamente.

Dessa experiência, gostaria de compartilhar fragmentos, constatações e conclusões, que no decorrer do itinerário foram se acumulando.

A pesquisa mostra que, em se tratando dos jovens fica evidente que a sua socialização passa pelos grupos juvenis, que são mais do que o lugar de pertença, de trocas de afetividade, de ludicidade e sociabilidade, aparecendo como alternativas de constituição não só da identidade pessoal, como de referências para possíveis carreiras profissionais

Os jovens procuram os grupos de pares para criar alternativas, diferentes relações e novas trocas em busca da constituição de sua identidade, de forma mais autônoma, responsável e criativa. Os jovens se agrupam para realizar o que desejam no campo da religião, do esporte e da música, experimentar a segurança, o recolhimento, o reconhecimento, a pertença, usufruindo da amizade e praticando a solidariedade como elementos centrais no exercício de sua sociabilidade. Os grupos religiosos buscam uma certa paz interior ou recriam a idéia de uma comunidade, não das raízes locais, mas a de pertença cultural e, à vezes, alguma noção de conservação do meio ambiente. Os surfistas na relação íntima com a natureza tentam, em suas práticas, preservar o ambiente como forma de proteger seu hábitat de prática esportiva e produção de lazer. Os capoeiristas criam e recriam novas formas de produção cultural. Tanto os amadores futebol como os músicos e os produtores teatrais, constroem sua práticas de

sociabilidade, no interior da comunidade, mas com os olhos para fora dela, para o mundo.

O cenário acima mostra que, em razão das transformações sociais, há também rápidas mudanças nas relações dos jovens com suas famílias, com a escola e com o trabalho. São situações que, de certa forma, têm levado os grupos familiares a constituir novos arranjos na sua estrutura e organização que nem sempre têm dado conta de apoiar o jovem, tanto material como afetivamente.

A escola não tem se apresentado de qualidade, tanto no que se refere à questão da formação como mas nas relações afetivas travadas no seu interior, não correspondendo, dessa forma, aos anseios e expectativas da escolarização dos jovens.

Por sua vez, o trabalho que embora haja, tem se mostrado temporário, precário e dependente de certa forma do turismo, que ora oportuniza a visibilidade dos jovens em suas práticas grupais, ora oferece ocupação na temporada de verão, mas com poucas perspectivas de futuro. Assim sendo, entendo que as instituições tradicionais de socialização têm encontrado dificuldades em suas funções socializadoras.

Esse emaranhado de questões sociais reforça a necessidade de a juventude buscar outros espaços, para compartilhar com seus pares suas experiências e percepções, tendo como saudável alternativa a amizade, as relações de solidariedade, o lúdico, a sociabilidade. O grupo, sem dúvida, é o grande refúgio para a construção da autonomia, celeiro de produção, espaço de criticidade e possibilidade de se reconhecer e ser reconhecido, ou seja, possibilidade de construir diferentes formas de socialização e sociabilidade. O grupo é espaço de formação, é o lugar de trocas afetivas, que engrandece e fortalece o jovem para enfrentar a realidade do seu cotidiano.

Há algumas utopias, sonhos, esperanças? Não sei... só sei que os jovens me ensinaram que no exercício de suas individualidades, é possível junto com o outro construir, com dignidade e respeito, ações de solidariedade e novas identidades. Nessa troca de experiências as práticas de sociabilidade se ampliam e propiciam ganhos nos processos de socialização. Os jovens enfrentam, a seu modo, processos sociais complexos que determinam sua existência mas que oferecem trilhas para a constituição de sujeitos voltados para os novos caminhos e para a realização de algumas de suas aspirações.

BIBLIOGRAFIA

- BERGER, Peter & BERGER, Brigitte. (1978). O que é uma instituição Social in: FORACCHI, MM & MARTINS, J.S. *Sociologia e Sociedade: Leituras de introdução à sociologia*, Rio/ São Paulo Livros Técnicos científicos.
- BERGER, P & LUCKMANN, T. (1985). *A construção Social da Realidade* Editora Vozes.
- CARRANO, P.C. Rodrigues. (1999). *Angra dos Reis: Políticas Educativas e Jovens Tra(n)çados da Cidade Niterói* UFF. Tese de Doutorado em Educação.
- DIÓGENES, Gloria. (1998) *Cartografia da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop*. Annablume, Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto- Ceará.
- MELUCCI, Alberto. (1996). *Challenging codes- Coletive action in the information age*. Londres: Cambridge University Press.
- _____. (1991a). *Il gioco dell'io: Il cambiamento di sé in una società globale*. Milão, Saggi/Feltrinelli.
- _____. (1991b). *L'invenzione del presente*. Bologna, Il Mulino.
- _____. (1998). *Amor poesia sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- MORCELINI, Mario. (1996). *Passagio ao Futuro. Formazione e socializzazione tra vecchi e nuovi media*. Milano. Franco Angeli,
- PERRENOUD, Philippe. (2000). *Pedagogia Diferenciada das Intenções à Ação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- SARTI, Cintia A, (1996). *A moral dos pobres*. Campinas, Ed. Autores Associados
- _____. (1999) *Jovens e Família*. ANPED. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo.
- SIMMEL, Georg. (1977). *La filosofie de la Dinero*. Madri, edição em Espanhol. Instituto de Estudios Políticos. Madrid. [Edição original 1900].
- _____. (1967). *A metrópole da vida mental*. In VELHO. Otávio. O fenômeno urbano. São Paulo. Zahar.
- _____. (1983). Sociabilidade- um exemplo de sociologia pura ou formal. In: *George Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática.